



## Ruy Guerra e a cartografia tricontinental Ruy Guerra and the tricontinental cartography

Dossiê: intérpretes do  
Brasil

Júlio Diniz\*

LATTES: 7361718851255513

E-mail:  
jcvdiniz@gmail.com

Recebido: 31/12/2024  
Aprovado: 03/02/2025

### Resumo:

Este texto tem por objetivo comentar o trabalho literário e poético de Ruy Guerra, privilegiando a sua condição de um dos mais importantes letristas da música popular brasileira. Tendo como referência seus escritos, percebem-se as inúmeras maneiras de percepção de uma “cartografia tricontinental” que aproxima África, Europa e América Latina nos seus filmes, textos e canções. Em outras palavras, a produção artística de Ruy Guerra atravessa uma genealogia da experiência, a singular capacidade de aproximar e cruzar geografias, sejam elas humanas (travessias, migrações, deslocamentos), físicas (espacialidades, paisagens, relevos) e políticas (conflitos, crises, comunas). Trata-se, evidentemente, de um olhar sensível e apaixonado, rebelde e crítico, materializado nos seus variados processos de reflexão sobre o mundo, a vida, os homens, a morte.

### Palavras-chave:

Ruy Guerra; escritos; música popular brasileira; genealogia da experiência; cartografia tricontinental

### Abstract:

This text aims to comment on the literary and poetic work of Ruy Guerra, emphasizing his status as one of the most important lyricists of Brazilian popular music. Taking his writings as a reference, we can see the countless ways in which he perceives a “tricontinental cartography” that brings Africa, Europe, and Latin America together in his films, texts, and songs. In other words, Ruy Guerra’s artistic production traverses a genealogy of experience, the unique ability to bring together and cross geographies, be they human (crossings, migrations, displacements), physical (spatiality, landscapes, reliefs), and political (conflicts, crises, communes). It is, evidently, a sensitive and passionate, rebellious and critical perspective, materialized in his varied processes of reflection on the world, life, people, and death.

### Keywords:

Ruy Guerra; writings; Brazilian popular music; genealogy of experience; tricontinental cartography

---

\*Júlio Cesar Valladão Diniz (Júlio Diniz) é Doutor em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio - 1995) onde, desde 1987, é Professor do Departamento de Letras e Artes da Cena e do Departamento de Comunicação. Foi Diretor do Departamento de Letras (2008 a 2011), do Instituto Confúcius (2014 a 2016) e Decano do Centro de Teologia e Ciências Humanas - CTCH (2016-2024). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 1B. Publicou artigos em periódicos especializados, capítulos de livros e livros no Brasil e no exterior. Foi professor visitante na Universidad de Salamanca (Espanha) onde fez o Pós-Doutorado em 2000. Supervisionou até o presente 11 pesquisas de Pós-doutoramento, orientou 42 Teses de Doutorado, 64 Dissertações de Mestrado, 11 Monografias de Especialização e 8 pesquisas de IC (PIBIC). Participa como pesquisador de convênios internacionais com universidades francesas, espanholas, norte-americanas, dinamarquesas e argentinas, e foi coordenador de projeto do CAPES-PRINT até 2024. Realizou trabalhos na área de cinema, música e produção cultural. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro (2004-2006) e Vice-Presidente da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) no biênio 2011-2012. Participa das seguintes Associações Científicas, Educacionais e Culturais: ABRÁLIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada); ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística); BRASA (Brazilian Studies Association); IASPM (International Association for the Study of Popular Music); ABET (Associação Brasileira de Etnomusicologia), ASSEL-Rio (Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro). Coordena os projetos do NELIM (Núcleo de Estudos em Literatura e Música) na PUC-Rio, é Assessor Especial (GAE) da Diretoria de Relações Internacionais da CAPES e curador do Museu Boulieu, em Ouro Preto, e do Museu de Mariana, na cidade de mesmo nome. É o responsável pela curadoria dos projetos Sílabas e Sons (Minas Gerais) e De Conversa em Conversa (Espírito Santo). Suas pesquisas estão relacionadas aos seguintes temas: Poéticas da Canção; Música Popular Brasileira e Literatura; Modernidades Periféricas; Cultura Contemporânea; Poesia Brasileira.

Vivo sobre um corpo de mulher  
que faz de mim gato e sapato  
que me foge e me desfolha  
e brinca de gato e rato

Vivo sobre três continentes  
e isso não me contém  
a raiva que trago nos dentes  
não sei se me faz mal ou bem

Vivo à sombra de um túnel  
do outro lado do sol  
e nesta clave difícil  
me sustento num bemol<sup>1</sup>

Pode-se afirmar que Ruy Guerra é um artista multifacetado e plural, com atuação reconhecida não só no cinema como também no espaço da criação literária, seja como poeta, prosador ou letrista da música popular brasileira. Apesar da quase imediata conexão entre o seu nome e a produção cinematográfica contemporânea, seu envolvimento com a palavra escrita e cantada comprova o lugar que ele ocupa como um dos mais instigantes criadores e intérpretes do mundo lusófono.

A sua produção como letrista, pouco analisada criticamente, é o objeto de uma das pesquisas desenvolvidas na PUC-Rio, com apoio do CNPq, que dão suporte a este texto. Foram levantadas em arquivos físicos e sites a relação das canções cujas letras, na maioria das vezes, foram escritas em parceria com distintos criadores da música popular brasileira. Foram localizadas 58 canções gravadas, distribuídas em 610 fonogramas, que cobrem o período que vai da década de 1960 aos dias atuais. Essa pesquisa de fontes primárias não abrange todo o universo autoral do Ruy como letrista, pois só foram consideradas as canções registradas em disco, e não as que permanecem inéditas até hoje. Importante destacar que as versões do inglês para o português não foram consideradas, como as que Ruy e Chico fizeram para *O homem de La Mancha*, em 1972, versão de Paulo Pontes e Flavio Rangel para o musical da Broadway *Man of la mancha*, de Dale Wasserman, com música de Mitch Leigh e letras de Joe Darion. Cabe ressaltar que uma das músicas – *Sonho impossível* – tornou-se um grande sucesso em língua portuguesa, gravada por inúmeros intérpretes e, em especial, por Maria Bethânia.

Interessante observar como a versão em português de *The Impossible Dream* cumpriu duas funções. A primeira, como era de se esperar, tinha por objetivo traduzir para o público brasileiro uma das composições centrais do musical. A segunda, como um recado vindo do morro, tal qual o conto de Guimarães Rosa, afirmava o desejo e o comprometimento de Guerra e Buarque com a luta contra a ditadura implantada no Brasil, a tortura institucionalizada e a ação da censura no duríssimo início da década de 1970. A crítica ao regime militar e ao momento histórico pelo qual o país passava estão na *obs-cena* da letra, que aponta, nas duas últimas estrofes, para um amanhã de esperança e liberdade.

---

<sup>1</sup> GUERRA, Ruy in <https://blogdaboitempo.com.br/2021/08/20/ruy-guerra-90-anos/> Acesso em 23 de agosto de 2021.

As 58 canções registradas em disco foram compostas por Ruy em parceria com 12 importantes nomes da MPB. Foram 15 com Francis Hime, 14 com Edu Lobo, 13 com Chico Buarque, quatro com Milton Nascimento, quatro com Carlos Lyra, duas com Nonato Buzar e uma com cada um dos músicos a seguir: Sérgio Ricardo, Eduardo Gudin, Baden Powell, Marco Antônio Menezes, Marcos Valle e Gilberto Gil.

Além dos seus parceiros, as canções foram interpretadas por grandes nomes da música popular brasileira, como Elis Regina, Nara Leão, Olívia Hime, Alaíde Costa, Maria Bethânia, Gal Costa, Leny Eversong, Simone, Joyce Moreno, Ângela Ro, Ney Matogrosso, Zimbo trio, Quarteto em Cy, entre outros. Seus parceiros já declararam em épocas diversas a admiração e a alegria de poder compor com Ruy, ressaltando sua sensibilidade, criatividade e companheirismo.

Francis sempre afirma que “juntamente com Vinicius de Moraes, ele revolucionou a música brasileira”. Esta constatação é de singular importância se considerarmos que Vinicius transformou a música popular com seus poemas e letras, influenciando toda uma safra emergente de novos compositores. A avaliação de Francis refere-se ao Vinicius letrista da Bossa Nova, aquele que, ao lado de Tom Jobim e João Gilberto, modificou em definitivo a história da cultura brasileira no fim dos anos 1950. Gravado em 1958 e lançado em 1959, *Chega de saudade*, álbum de estreia do cantor e compositor João Gilberto, é um marco simbólico da transformação poética e musical provocada pelo surgimento da Bossa Nova, uma revolução estética que aproximou a tradição da inovação, o samba dito de raiz das suas reinterpretações, marcando em definitivo as gerações que a sucederam.

Ruy Guerra chega ao Rio de Janeiro em julho de 1958, exatamente nesse momento especial e raro da vida democrática brasileira. Chega no momento em que o caldeirão fervia, os sonhos de uma transformação do Brasil eram grandes, os desafios, muitos, e a imaginação e inventividade andavam lado a lado com os desejos. Rapidamente inseriu-se no meio artístico, construiu relações de amizade, e começou a sua fértil trajetória artística no país. Em 1962, filmou *Os cafajestes*. No ano seguinte, compôs, em parceria com Sérgio Ricardo, a primeira canção, *Esse mundo é meu*, uma música de forte impacto e excelente recepção pelo público, gravada por inúmeros intérpretes.

Retomando Francis, pode-se afirmar que as letras de música de Vinicius de Moraes e de Ruy Guerra sinalizaram uma nova poética para o cancioneiro brasileiro no final dos anos 1950 e nos primeiros da década seguinte. Trouxeram para uma novíssima geração de músicos à época, oriunda da classe média e de segmentos universitários, outra forma de lidar com a relação poesia e música, tradição e ruptura, formação erudita e experiência popular. Essa nova forma de pensar o Brasil, de propor caminhos distintos para a música popular, de aproximar a poética literária da poética das letras de música fez com que jovens talentosos como Edu Lobo, o próprio Francis Hime, Chico Buarque e Milton Nascimento se aproximassem de Ruy e se tornassem parceiros.

Dito isso, conclui-se que Ruy Guerra é, além de poeta, um mestre na arte de fazer com que as suas letras tenham densidade lírica, capacidade crítica, dramaticidade, força telúrica, e, ao mesmo tempo, flutuem com potência, leveza e liberdade quando cantadas. Retomando o poema que foi escolhido como epígrafe deste texto, escrito no início dos anos 1970, diríamos que os três eixos temáticos que atravessam a obra poético-musical de Ruy estão claramente indicados nas três estrofes, como pode ser constatado a seguir:

- (a) A geografia do corpo; a mulher e o desejo; o erotismo.  
Vivo sobre um corpo de mulher  
que faz de mim gato e sapato  
que me foge e me desfolha  
e brinca de gato e rato
- (b) A cartografia da diáspora; a crítica social e política; resistência e luta.  
Vivo sobre três continentes  
e isso não me contém  
a raiva que trago nos dentes  
não sei se me faz mal ou bem
- (c) A genealogia da experiência; a arte e a vida; o sujeito e o mundo.  
Vivo à sombra de um túnel  
do outro lado do sol  
e nesta clave difícil  
me sustento num bemol<sup>2</sup>

Tal proposta de compreensão e apreciação desse conjunto de canções deve ser entendida como um convite ao jogo, às aproximações, aos atravessamentos, totalmente distante da ideia de colocar as 58 canções em escaninhos, isoladas, fechadas em si, sem nenhuma transitividade. O objetivo é traçar linhas mestras e construir uma leitura panorâmica da obra poético-musical de Ruy Guerra, e jamais se deter nas composições individualmente, tarefa que, pela quantidade, não caberia em um texto como este. Também não se pretende falar da sua biografia, obra cinematográfica, seus escritos, contribuições nos jornais e na mídia, sua atuação como professor.

Em relação ao primeiro eixo temático – a geografia do corpo; a mulher e o desejo; o erotismo – ele está presente em toda a trajetória artística do autor, dos anos 1960 até o momento atual, como podemos observar nos seguintes fragmentos de algumas canções:

Não tem nos mapas do mundo  
Um acidente maior que o corpo de Mariana  
Que o corpo de Mariana  
Não tem na Rosa dos Ventos  
Um horizonte mais fino  
Que o riso de Mariana  
Que o riso de Mariana  
Eu que sabia do mar  
Saí em busca do mundo  
Mas acidente maior  
Meu acidente profundo<sup>3</sup>

Mariana, Mariana  
Mariana me responda  
cadê teu corpo moreno  
desfazendo o meu sossego  
cadê tuas mãos, teu medo

<sup>2</sup> GUERRA, Ruy in <https://blogdaboitempo.com.br/2021/08/20/ruy-guerra-90-anos/> Acesso em 23 de agosto de 2021.

<sup>3</sup> Mariana, parceria com Carlos Lyra. In <https://www.letras.mus.br/carlos-lyra/709829/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

teu segredo e os meus espantos  
onde aquelas noites claras  
em que eu tanto me enredei<sup>4</sup>

Ele sabe dos caminhos  
Dessa minha terra  
No meu corpo se escondeu,  
Minhas matas percorreu,  
Os meus rios,  
Os meus braços,  
Ele é o meu guerreiro  
Nos colchões de terra.  
Nas bandeiras, bons lençóis,  
Nas trincheiras, quantos ais, ai<sup>5</sup>

A denominação *geografia do corpo* como tema desse primeiro eixo temático pela presença marcante da corporeidade, da afirmação do corpo como instrumento relacional com o mundo, percebido como imanência, como o que é intrínseco ao mundo material e concreto. O corpo, em especial o da mulher desejada, é concebido como um constructo que remete à pulsão erótica incessante, traduzida pela circulação vocabular oriunda de um campo semântico marcado por gestos, afetos, sensações.

Faz-se necessário destacar que a leitura proposta deste primeiro eixo respeita o momento histórico, as relações socioculturais e determinados valores da época em que as canções foram compostas. Em relação à representação da figura feminina, que quase sempre aparece como o objeto do desejo, a musa inspiradora, pode-se afirmar que, à luz do debate contemporâneo, mostra-se problemática e passiva de interpretações críticas que protagonizam o debate político do nosso presente.

Minha  
Vais ser minha  
Desde a hora que nasceste  
Minha  
Não te encontro  
Só sei que estás perto  
E tão longe no silêncio  
N'outro amor, ou  
Numa estrada  
Que não deixa  
Seres minha  
Onde estejas  
Como sejas  
Vou te achar, vou  
Me entregar, vou  
Vou te amar  
E é tanto, tanto amor  
Que até pode assustar  
Não temas essa imensa sede  
Que ao teu corpo vou levar  
Minhas és e sou só teu  
Sai de onde estás pra eu te ver  
Pois tudo pode acontecer  
Tem de ser, tem  
Tem de ser, vem  
Para sempre, para sempre, para sempre<sup>6</sup>

<sup>4</sup> Mariana, Mariana, parceria com Edu Lobo. In <https://www.lettras.mus.br/edu-lobo/439622/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<sup>5</sup> Cala a boca, Bárbara, parceria com Chico Buarque. In BUARQUE, Chico e GUERRA, Ruy. *Calabar – O elogio da traição*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973, p.12.

<sup>6</sup> HIME, Olivia. *Palavras de Guerra ao vivo*. Gravadora Biscoito Fino, 2007.

A canção *Minha* tornou-se um dos maiores sucessos da dupla Hime/Guerra, gravada por inúmeros intérpretes em diferentes momentos. Segundo Francis:

Volta e meia Ruy e eu esticávamos a noitada, e às vezes saía até uma música nova, como foi o caso de *Minha*. Ruy namorava uma morena linda, a Tata, e imaginou a letra inspirada nela – pelo menos assim penso eu. Dessa forma, foi esboçando os primeiros versos, letrando a melodia que eu havia composto alguns dias antes. Mas implicamos com o som da palavra “minha”, e então submetemos a dúvida às nossas respectivas namoradas, Tata e Olivia, que – ao contrário do que Ruy e eu sentíamos, aprovaram a letra. E assim nasceu essa nossa parceria, que faria bastante sucesso nos anos seguintes, transformando-se, curiosamente, quase num hino oficial de casamento, já que vários noivos pediam para incluí-la nos repertórios musicais de suas cerimônias matrimoniais.<sup>7</sup>

A tradição lírica-amorosa, marcante na poesia em língua portuguesa e na música popular, recebe de Guerra um tratamento singularizado e original. O corpo da mulher desejada não é reduzido a uma miragem ou visão idealizada, não se aproxima nem da imagem da santa, nem da imagem da puta. Não é musa nem medusa. O corpo da mulher é palpável, semovente, inalcançável como totalidade, não pode ser aprisionado a um modelo moral ou modo de vida, ou padrão estético. O corpo é potência, deslocamento constante, fluxo de desejo, prazer e também frustração. A canção *Corpo marinho* sintetiza muito bem essa ideia.

No teu corpo marinho  
Navega minha tristeza

No teu corpo marinho  
A lua exausta no dia

No teu corpo marinho  
Vagas vadias no cio

No teu corpo marinho  
Espasmos à guisa de mar

No teu corpo marinho  
Meus abismos de pureza

No teu corpo marinho  
Minha fome e tua mesa

No teu corpo marinho  
Meus desejos à deriva

No teu corpo marinho  
Meu amor em carne viva<sup>8</sup>

O segundo eixo da poética musical de Ruy Guerra pode ser resumido no conceito de cartografia da diáspora. Nele estão a visão política do artista, o interesse pelas questões sociais e culturais, a sua capacidade incessante de resistência às formas opressoras. Observando o conjunto de sua obra, pode-se identificar na voz do artista a luta por pressupostos civilizatórios centrados na liberdade e no respeito pela alteridade, no desejo de construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e a crença numa estética que, antes de servir ao entretenimento e à diversão, aprofunda criticamente as questões mais

<sup>7</sup> HIME, Francis. *Trocando em miúdos as minhas canções*. São Paulo: Terceiro Nome, 2017, p.137.

<sup>8</sup> *Corpo marinho*, parceria com Francis Hime. In HIME, Olivia. *Palavras de Guerra*. Gravadora Biscoito Fino, 2006.

importantes da natureza humana, as relações de domínio que caracterizam a exploração capitalista e imperial, as formas perversas do colonialismo e as práticas racistas e discriminatórias.

Nas palavras do próprio Ruy:

Sou brasileiro de trinta anos, quase metade de minha vida esquartejado em vários continentes e países, e me dou o direito de me sentir latino-americano, latino-africano, latino-português, todos com orgulho de quem viveu o sentimento da dor.<sup>9</sup>

São inúmeras as maneiras de percepção de uma “cartografia tricontinental” que atravessa África, Europa e América Latina nas suas canções. Em outras palavras, a poética musical de Ruy possui uma singular capacidade de aproximar e cruzar geografias, sejam elas humanas (travessias, migrações, deslocamentos), físicas (espacialidades, paisagens, relevos) e políticas (conflitos, crises, comunas). Trata-se, evidentemente, de um olhar sensível e apaixonado, rebelde e crítico, materializado na artesanaria poética e nos seus variados processos de reflexão sobre o mundo, a vida, os homens, a morte.

De suas letras, retiramos alguns exemplos que comprovam o já dito:

Sem ter nação para viver  
Sem ter um chão para plantar  
Sem ter amor para colher  
Sem ter voz livre pra cantar  
E, meu pai morreu  
E, meu pai morreu

Salve meu Pai, o teu filho nasceu  
Salve meu Pai, o teu filho nasceu

E preciso ter força para amar  
E o amor é uma luta que se ganha  
E preciso ter terra pra morar  
E o trabalho que é teu, ser teu  
Só teu, de mais ninguém  
Só teu, de mais ninguém<sup>10</sup>

Quando a morte é vivida  
E o corpo vira semente  
De outra vida aguerrida  
Que morre mais lá na frente  
Da cor de ferro ou de escuro  
Ou de verde ou de maduro  
A primavera que espero  
Por ti, irmão e hermano  
Só brota em ponta de cano  
Em brilho de punhal ruço  
Brotou em guerra e maravilha  
Na hora, dia e futuro<sup>11</sup>

Tenho os intestinos roucos  
Num rosário de lombrigas  
Os meus músculos são poucos  
Pra essa rede de intrigas  
Meus gritos afro-latinos  
Implodem, rasgam, esganam  
E nos meus dedos dormidos  
A lua das unhas ganem  
E daí?<sup>12</sup>

<sup>9</sup> <https://blogdaboitempo.com.br/2021/08/20/ruy-guerra-90-anos/> Acesso em 23 de agosto de 2021.

<sup>10</sup> *Canção da terra*, parceria com Edu Lobo. In <https://www.letras.mus.br/edu-lobo/439585/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<sup>11</sup> *Canto latino*, parceria com Milton Nascimento. In <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47408/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<sup>12</sup> *E daí?*, parceria com Milton Nascimento. In <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/808219/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

Neste segundo eixo temático destacam-se as 13 canções da dupla Buarque/Guerra compostas especialmente para a peça *Calabar*. A censura, como sabemos, impediu que *Calabar* fosse encenada em 1973. Várias canções também foram alvos da censura e o disco foi recolhido, recebeu nova capa e o título original *Calabar* foi substituído por *Chico canta*. A montagem do espetáculo só foi liberada em 1980. Segundo depoimento do próprio Chico:

Criamos o texto a quatro mãos, a partir da leitura de diversos livros de história que abordavam o nosso tema. Escrevi as músicas que pontuariam nosso texto e dividi com ele a criação das letras. O clima pesado a que você se refere surgiu durante os ensaios da peça, embora tivéssemos autorização da Censura Federal para a sua montagem. A liberação do espetáculo dependia somente de sua exibição para os censores locais, que julgariam se o que estava em cena correspondia ao texto previamente aprovado. Os censores simplesmente não apareceram, confirmando as ameaças veladas que nos chegavam, segundo as quais a peça não seria liberada de maneira alguma. Perdeu-se o trabalho não só nosso, mas de produtores, diretores, e dezenas de atores, músicos e técnicos.<sup>13</sup>

Em relação à peça *Calabar*, o pesquisador José Mauro Barbosa Ribeiro afirma que:

Buscando reeditar um tema histórico sobre as lutas entre portugueses e holandeses pelo controle do açúcar em Pernambuco, ocorridas no século XVII, Chico Buarque e Ruy Guerra decidiram tornar esse espetáculo teatral um elogio da traição. Para tanto, tomaram como suporte a história de Calabar, figura do traidor da pátria, em contraposição à figura de João Goulart, ex-presidente deposto pelos militares, os quais, na tentativa de legitimação do golpe ditatorial, apontavam-no como traidor da nação brasileira.

Mistura de crítica alegórica e paródia carnavalesca de textos oficiais de nossa história, a peça misturava procedimentos épicos e dramáticos com algumas letras das músicas se transformando em diálogos, como é o caso de “Tira as mãos de mim”. Em outros diálogos, identifica-se um forte vínculo com textos clássicos da história do Brasil, provocando, por conseguinte, uma reflexão sobre o processo de constituição dos mitos nacionais e de uso desses mitos na legitimação de estruturas sociopolíticas e consolidação de nossa identidade nacional. Afinado com as concepções do teatro moderno, principalmente no que toca ao inacabamento da obra teatral, a peça *Calabar* conduzia o espectador a procurar sua própria verdade, a identificar, nas vozes expressadas, a sua própria voz, obrigando-o a responder como protagonista de seu próprio destino.<sup>14</sup>

A leitura das letras e a audição das canções de *Calabar* confirmam a organicidade e a convergência das 13 músicas. Elas formam uma unidade na pluralidade de motivos e nas variações de gênero e ritmo. São um bloco poético, sonoro, estético e temático de grande potência e impacto em termos artísticos e políticos. Algumas das canções transformaram-se em clássicos da música brasileira, interpretados por grandes vozes até hoje. Por uma opção clara, em consonância com a economia deste texto, destacamos *Fado tropical*:

Ó, musa do meu fado,  
Ó, minha mãe gentil,  
Te deixo, consternado,  
No primeiro abril.  
Mas não sê tão ingrata,  
Não esquece quem te amou.  
E em tua densa mata  
Se perdeu e se encontrou.

<sup>13</sup> Depoimento concedido em 28 de setembro de 2021 para o autor deste artigo.

<sup>14</sup> RIBEIRO, José Mauro Barbosa. “A poética dos desvalidos na construção da cidadania estética” In CYNTRÃO, Sylvia (org). *Chico Buarque, sinal aberto!* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 131.

Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal,  
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal.

*Sabe, no fundo eu sou um sentimental. Todos nós herdamos no sangue lusitano uma boa dosagem de lirismo. Além da sífilis, é claro. Mesmo quando as minhas mãos estão ocupadas em torturar, esganar, trucidar, o meu coração fecha os olhos e, sinceramente, chora.*

Com avencas na caatinga,  
Alecrins no canavial,  
Licores na moringa,  
Um vinho tropical.  
E a linda mulata  
Com rendas do Alentejo,  
De quem, numa bravata,  
Arrebata um beijo.

Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal,  
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal.

*Meu coração tem um sereno jeito  
E as minhas mãos o golpe duro e presto.  
De tal maneira que, depois de feito,  
Desencontrado eu mesmo me contesto.*

*Se trago as mãos distantes do meu peito,  
É que há distância entre intenção e gesto.  
E se o meu coração nas mãos estreito,  
Me assombra a súbita impressão de incesto.*

*Quando me encontro no calor da luta  
Óstento a aguda empunhadura à proa,  
Mas meu peito se desabotoa.*

*E se a sentença se anuncia bruta,  
Mais que depressa a mão cega executa  
Pois que senão o coração perdoa.*

Guitarras e sanfonas,  
Jasmim, coqueiros, fontes,  
Sardinhas, mandioca,  
Num suave azulejo.  
E o rio Amazonas  
Que corre Trás-os-Montes  
E, numa pororoca,  
Deságua no Tejo.

Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal,  
Ainda vai tornar-se um Império Colonial.  
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal,<sup>15</sup>  
Ainda vai tornar-se um Império Colonial.

A parte final deste texto é dedicado ao que se denominou a genealogia da experiência, ou seja, as formas imbricadas da arte com a vida, do eu com o mundo. São canções cujas letras exploram a produção de subjetividades a partir de um eu-lírico que se fragmenta em nós, em outros, em imagens multiplicadas.

Destacam-se alguns trechos significativos nos quais temas como intimismo, solidão, silêncio e a própria morte estão fortemente contemplados. A matéria poética é constituinte do sujeito, imbricada no seu corpo, nas suas sensações e sentimentos.

No bloco do eu sozinho  
Sou a seda do estandarte

<sup>15</sup> *Fado tropical*, parceria com Chico Buarque. In BUARQUE, Chico e GUERRA, Ruy. *Calabar – O elogio da traição*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973, p.25-27.

No bloco do eu sozinho  
Sou a seda do estandarte  
Sou a ginga da baiana  
Sou a calça de zuarte  
Sou quem briga e deixa disso  
Sou Oropa e Aruanda  
Sou alegria de Rosa  
que nunca brinca em serviço  
No bloco do eu sozinho  
Sou a sorte e o azar  
E o folião derradeiro  
que abre os braços pra brincar  
Sou passista e sou pandeiro  
E nas pedras da calçada  
Sou a lembrança mais fria  
de um mundo sem madrugada<sup>16</sup>

Quando eu vi  
teus olhos se fechar  
teu olhar  
aos poucos se perder

Devagar morrias  
era inútil  
o meu imenso espanto  
e a tua cor  
ganhou o tom mais triste  
do nosso eterno adeus<sup>17</sup>

Nunca estive tão cansado  
nas calmarias de um bar  
nas paradas de um olhar  
nas tatuagens de um fado  
Nunca estive tão assim  
tanta rama e tanta gana

tão maduro e tão sem cama  
tão seguro e tão sem fim.<sup>18</sup>

A minha tristeza não é feita de angústias.  
A minha tristeza não é feita de angústias,  
A minha surpresa.  
A minha surpresa é só feita de fatos,  
De sangue nos olhos e lama nos sapatos.  
Minha fortaleza.  
Minha fortaleza é de um silêncio infame,  
Bastando a si mesma, retendo o derrame.  
A minha represa<sup>19</sup>

Antes de finalizar esta precária tentativa de comentar o extraordinário conjunto de 58 canções deste letrista singular da música popular brasileira, talvez a face menos visível e estudada da obra de Ruy Guerra, é necessário acentuar a contemporaneidade e o espírito do tempo presente na sua mais recente criação. No segundo semestre de 2020, em plena pandemia da covid-19, Ruy Guerra escreveu a letra de *Sob pressão*, parceria com Gilberto Gil, para a série televisiva de mesmo nome. A música foi gravada por Gil e Chico e representa uma poderosa e delicada mensagem aos que sonham com um outro mundo, um futuro do presente, e não do pretérito.

<sup>16</sup> *Bloco do eu sozinho*, parceria com Marcos Valle. In <https://www.lettras.mus.br/marcos-valle/bloco-do-eu-sozinho/> Acesso em 15 de setembro de 2021

<sup>17</sup> *Réquiem por um amor*, parceria com Edu Lobo. In <https://www.lettras.mus.br/edu-lobo/439646/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<sup>18</sup> *Carta*, parceria com Francis Hime. In HIME, Olivia. *Palavras de Guerra*. Gravadora Biscoito Fino, 2006.

<sup>19</sup> *Fortaleza*, parceria com Chico Buarque. In BUARQUE, Chico e GUERRA, Ruy. *Calabar – O elogio da traição*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973, p.124.

Falta de ar nos gemidos dos ais  
A febre, seus fantasmas, seus terrores  
Sem pressa, passo a passo, mais e mais  
A besta avança pelos corredores  
O médico caminha com cautela  
Estuda as artimanhas do inimigo  
A enfermeira brava vence o medo  
Pouco lhe importa a extensão do perigo

O mundo está azaranza, ao Deus dará  
O povo não se entrega é cabra cega  
É lá e cá sem lei, sem mais aviso  
Só sei que é preciso acreditar

Fazemos todos parte desta história  
Mesmo que os tontos blefem com a morte  
Num jogo de verdades e mentiras  
Um jogo duplo de azar e sorte

A ciência abre as suas asas  
A esperança à frente como um guia  
Com São João na reza, a pajelança  
A intervenção de Xangô na magia

Neste canto aqui da poesia  
Casa da fantasia e da razão  
Abre-se a porta e entra um novo dia  
Pela janela adentro um coração  
A voz de um barco à bordo da alvorada  
O sol da aurora secando o pulmão  
Ano passado se eu morri na estrada  
Vai que esse ano não morro mais não

É pra montar no lombo da toada  
Desembarcar do trem da pandemia  
É pra fazer da rima arredondada  
O rompante final de uma alegria  
Vamos em frente amigo, vamos embora  
Vamos tomar aquela talagada  
Vamos cantar que a vida é só agora  
E se eu cantar amigo a vida é nada<sup>20</sup>

Combativo, sonhador, crítico, perseverante, sedutor, generoso, inventivo, genial, cosmopolita, lírico, emotivo, brigão, cidadão do mundo – são tantos os predicativos que os admiradores, parceiros, amigos e críticos utilizam para descrever o homem Ruy Guerra e o artista, que não teríamos como listá-los. Desafiador de limites, provocador de polêmicas, intérprete lúcido e mordaz do Brasil e de sua gente, nosso afro-euro-latino-americano completou recentemente noventa anos. Segundo ele mesmo:

Tenho energia e não estou deprimido. Estou alegre porque sei que vamos vencer. Vamos sair deste buraco. Vou lutar com todas as armas que tiver e sei que vou estar do lado vencedor.<sup>21</sup>

## Referências

BUARQUE, Chico e GUERRA, Ruy. *Calabar – O elogio da traição*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

<sup>20</sup> *Sob pressão*, parceria com Gilberto Gil. In <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/sob-pressao/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<sup>21</sup> <https://oglobo.globo.com/cultura/aos-90-anos-cineasta-ruy-guerra-escreve-seu-primeiro-romance-critica-desmonte-da-cultura-afirma-vamos-sair-deste-buraco-25184301/> Acesso em 08 de setembro de 2021.

HIME, Francis. *Trocando em miúdos as minhas canções*. São Paulo: Terceiro Nome, 2017.

RIBEIRO, José Mauro Barbosa. “A poética dos desvalidos na construção da cidadania estética” In CYNTRÃO, Sylvia (Org). *Chico Buarque, sinal aberto!* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

<https://blogdaboitempo.com.br/2021/08/20/ruy-guerra-90-anos/> Acesso em 23 de agosto de 2021.

<https://www.lettras.mus.br/carlos-lyra/709829/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/sob-pessao/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<https://www.lettras.mus.br/edu-lobo/439585/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<https://www.lettras.mus.br/edu-lobo/439646/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<https://www.lettras.mus.br/marcos-valle/bloco-do-eu-sozinho/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/47408/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/808219/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<https://oglobo.globo.com/cultura/aos-90-anos-cineasta-ruy-guerra-escreve-seu-primeiro-romance-critica-desmonte-da-cultura-afirma-vamos-sair-deste-buraco-25184301/> Acesso em 08 de setembro de 2021.

HIME, Olivia. *Palavras de Guerra*. CD. Gravadora Biscoito Fino, 2006.

HIME, Olivia. *Palavras de Guerra ao vivo*. CD. Gravadora Biscoito Fino, 2007.